

**A musealização de um acervo
fotográfico da Parada Livre:
reflexões sobre gestão compartilhada
do patrimônio**

**Ana Carolina Gelmini de Faria, Ana Celina
Figueira da Silva, Maria Eduarda Bergmann
Hentschke de Aguiar e Marlise
Maria Giovanaz**

Práticas da História, n.º 19 (2024): 217-248

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020, UIDP/04666/2020, UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 and LA/P/0132/2020.

Ana Carolina Gelmini de Faria, Ana Celina Figueira da Silva, Maria Eduarda Bergmann Hentschke de Aguiar e Marlise Maria Giovanaz

A musealização de um acervo fotográfico da Parada Livre: reflexões sobre gestão compartilhada do patrimônio

Estudo de caso da produção de memórias apoiadas em fotografias do coletivo nuances (grafia em minúscula do nome é uma escolha do coletivo) – Grupo pela Livre Expressão Sexual – organização da sociedade civil que luta pelos direitos humanos e civis da população LGBTQ+. Desde 2019, o curso de bacharelado em Museologia e o programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuam com o nuances, se apropriando da museologia aplicada como meio de diálogo com a sociedade. O recorte são os registros das Paradas Livres considerados testemunhos de uma história esquecida nas narrativas hegemônicas da cidade de Porto Alegre, mas que compõe um conjunto de lutas sociais do Brasil. O trabalho envolveu a realização de roda de memória, a partir da metodologia da história oral. Propõe-se, assim, uma análise do processo metodológico, compreendendo a musealização como estratégia de mobilização da consciência coletiva.

Palavras-chave: museologia social; museologia LGBTQ+; gestão compartilhada; nuances; coleção fotográfica.

The Musealization of a Photographic Collection from the Parada Livre: Reflections on Shared Heritage Management

Case study of the production of memories supported by photographs by the collective nuances (lowercase spelling of the name is a choice of the collective) – Group for Free Sexual Expression – a civil society organization that fights for the human and civil rights of the LGBTQ+ population. Since 2019, the bachelor's degree in Museology and the Graduate Program in Museology and Heritage, both at the Federal University of Rio Grande do Sul, have been working directly with nuances, utilizing Applied Museology as a means of dialogue with society. The excerpt is the records of the Paradas Livres considered testimonies of a history forgotten in the hegemonic narratives of the city of Porto Alegre, but which makes up a set of social struggles in Brazil. The work involved the realization of a memory circle, based on the methodology of oral history. Thus, it proposes an analysis of the methodological process, understanding musealization as a strategy for mobilizing collective consciousness.

Keywords: social museology; LGBTQ+ museology; shared management; nuances; photographic collection.

A musealização de um acervo fotográfico da Parada Livre: reflexões sobre gestão compartilhada do patrimônio

Ana Carolina Gelmini de Faria, Ana Celina Figueira da Silva, Maria Eduarda Bergmann Hentschke de Aguiar e Marlise Maria Giovanaz*

1 – Primeiras provocações

Quem não tem em sua residência, ou de seus familiares, uma caixa repleta de fotos impressas? Por mais particular que possa parecer, é possível encontrar uma característica em comum entre os nossos, os seus e outros tantos conjuntos fotográficos: são vestígios que evocam o desejo de memória. Porém, sem sujeitos que os signifiquem, ficam relegados à condição de papéis acumulados, concentração de registros visuais que, por muitas vezes, perdem o sentido. Deixam de estar associados a artigos definidos (a pessoa, o lugar, o evento) para vincular-se a artigos indefinidos (uma pessoa, um lugar, um evento). Isso quando não compõem uma frase interrogativa: que pessoa? Que lugar? Qual evento?

Para Ana Maria Mauad, é reservada à fotografia “o papel de instrumento de uma memória documental da realidade”¹. A autora realiza uma reflexão dessa perspectiva a partir da fotografia pública:

* Ana Carolina Gelmini de Faria (carolina.gelmini@ufrgs.br). <https://orcid.org/0000-0003-0727-9991>. UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Av. Pasteur, 296 - Urca - Cep 22290-240, Brasil; Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Campus Saúde Porto Alegre – RS – Brasil; Ana Celina Figueira da Silva (ana.celina@ufrgs.br). <https://orcid.org/0000-0002-4842-2179>. Fabico – UFRGS; Maria Eduarda Bergmann Hentschke de Aguiar (dudaaguiar.30@gmail.com). <https://orcid.org/0009-0003-6537-1363>. UFRGS; Marlise Maria Giovanaz (marlise.giovanaz@ufrgs.br). <https://orcid.org/0000-0001-8597-4100>. Fabico – UFRGS. Artigo original: 1-04-2024; artigo revisto: 8-08-2024; aceite para publicação: 11-12-2024.

1 Ana Maria Mauad, “Através da imagem: fotografia e história, interfaces”, *Tempo* 1, n.º 2 (1996): 73-98.

O que observamos quando estudamos a história da prática fotográfica e nela identificamos a fotografia como registro da experiência histórica é a multiplicação dos seus usos e funções a ponto de não podermos mais falar de fotografia no singular. No entanto, a principal divisão ainda é aquela que define as diferenças espaciais fundadoras da modernidade: o espaço privado e o espaço público. No entanto, é no espaço público que, historicamente, se identificam os circuitos de politização da imagem fotográfica. A fotografia se torna pública para cumprir uma função política que garante a transmissão de uma mensagem para dar visibilidade às estratégias de poder, ou ainda, das disputas de poder. A fotografia pública é produzida por diferentes agentes sociais que desempenham um papel na elaboração de uma imaginação pública sendo, portanto, o suporte de agenciamento de uma memória pública que registra, retém e projeta no tempo histórico uma versão dos acontecimentos. [...] A fotografia pública, associada à noção de documento, fornece visibilidade à experiência social de sujeitos históricos – por detrás e diante da câmera, destaca-se tanto como fonte quanto objeto de estudo da história visual do poder e das culturas políticas².

Quando nos deparámos com os conjuntos fotográficos de uma organização da sociedade civil, já sabíamos da potência daqueles registros. Tais fotografias são, na perspectiva de coletivos, a prova material de anos de luta, de promoção e de defesa dos direitos humanos, corroborando a existência dos folhetos, cartazes, bandeiras, entre tantos outros indícios que anunciam suas atuações. Após décadas sendo acumulados na sede de seu coletivo – em caixas, álbuns e pacotes de papel –, ganham novamente a cena e geram muitas dúvidas, todas no artigo

2 Ana Maria Mauad, “Dos arquivos às exposições: fotografia pública e história em *Conflitos* (2017)”, em *Imagens & arquivos: fotografias e filmes*, org. Teresa M. Flores, Sílvio M. S. Corrêa e Soraya Vasconcelos (Lisboa: ICNOVA, 2021), 46-72.

indefinido, combinadas com muitas interrogações: uma pessoa, mas... quem é? Um lugar... qual? Um evento... quando?

Nesse caleidoscópio de memórias, a proposta do artigo é apresentar o processo de uma gestão compartilhada, realizada entre o nuance – Grupo pela Livre Expressão Sexual e os representantes do curso de bacharelado em Museologia e do programa de pós-graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa), ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no reconhecimento da trajetória do coletivo como patrimônio da história LBGT+ de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul e do Brasil. O coletivo foi inovador em inúmeras atividades na cidade, a exemplo da Parada Livre de Porto Alegre, evento organizado exclusivamente pelo coletivo nas primeiras edições. Suas experiências têm despertado uma consciência de que as evidências das ações articuladas pelo coletivo ao longo de mais de trinta anos são de interesse público, potencialmente qualificadas como fontes de informação e patrimônio cultural.

Para tal processo, junto a protagonistas do coletivo, revisitamos determinadas memórias recorrendo à metodologia da história oral, propondo a valorização de seu acervo por meio do reconhecimento enquanto patrimônio cultural, de interesse público, e valendo-nos do processo de musealização como estratégia de mobilização da consciência coletiva. Aponta-se, nesse sentido, a compreensão da musealização como metodologia que, “por meio da mudança de contexto e do processo de seleção, de «thesaurização» e de apresentação, opera-se uma mudança do estatuto do objeto, [...] [assumindo] o papel de evidência material ou imaterial do homem e do seu meio, e uma fonte de estudo e de exibição, adquirindo, assim, uma realidade cultural específica”³.

Assim, nas próximas seções, iremos analisar quem são os protagonistas das memórias em evidência e como os fragmentos de memórias foram localizados em sua sede. Então, a partir da proposta de musealização, com uma atuação compartilhada, pretende-se apresentar o

3 André Desvallées e François Mairesse, *Conceitos-chave de museologia* (São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013).

bailado de arranjos que esse caleidoscópio da memória nos proporciona observar e vivenciar, dando voz a testemunhos de uma história que as narrativas hegemônicas tendem a tornar subordinada ou esquecida.

2 Uma relação construída

O nuances é um coletivo de representação da liberdade da expressão sexual que surgiu, em Porto Alegre, no ano de 1991. Seus integrantes têm dois pontos principais de conexão naquele momento. Por um lado, parte significativa do grupo estava vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, alguns enquanto discentes desta instituição e outros como moradores da Casa do Estudante Universitário (CEU), espaço onde ocorreu a fundação do coletivo. Por outro lado, houve integrantes que se vincularam ao coletivo por fazerem parte do Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS (GAPA/RS), que havia sido fundado no ano de 1989. Esse grupo congregou a luta pelo direito à saúde dos portadores do vírus HIV, pela organização de estratégias de prevenção e de conscientização sobre as formas de propagação do vírus HIV. O GAPA/RS foi também um pioneiro espaço de reconhecimento da diversidade sexual e de identidade de gênero e de seu caráter político, tornando-se um lugar de acolhimento a todos, todas e *todes*, quando estes espaços ainda eram raros e o preconceito era a regra.

A característica principal das ações desenvolvidas pelo coletivo nuances, nestas mais de três décadas de existência, tem sido a atuação no campo político e na disputa pelo reconhecimento da diversidade da expressão da sexualidade. Por todos estes anos, a bandeira *rainbow*, com a palavra nuances gravada ao centro, tem sido vista em manifestações sociais que acontecem em Porto Alegre, assim como pelo Brasil e pelo mundo. A militância do nuances atua não somente nas questões que se referem ao público LGBT+, mas também em todo evento que promova os direitos civis com caráter étnico e de gênero.

Essa mobilização tem tido muitos sucessos ao longo do tempo, sendo alguns exemplos desses avanços: o artigo 150 da Lei Municipal (1994), que proíbe a discriminação com base em orientação sexual; no

ano 2000, o nuances conseguiu vitória junto ao Ministério Público Federal para que casais homossexuais tivessem acesso aos direitos civis previdenciários no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), incluindo a pensão por morte; em 2002, foi criada a lei estadual que proíbe a discriminação por orientação sexual no Rio Grande do Sul⁴.

Essa atuação do coletivo gerou uma produção de material gráfico, documental e audiovisual de grande importância para a comunidade LGBT+ e para a sociedade em geral, como testemunhos da multiplicidade de memórias e de histórias. Consideramos importante registrar que o coletivo apresenta há bastante tempo uma vontade de memória, um movimento consciente em relação à preservação dos vestígios produzidos em sua atuação social. Podemos perceber essa consciência de memória na doação de parte de seu acervo documental, que registrou a atuação do grupo nos primeiros 15 anos, que se encontra disponível para pesquisa no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs), já tendo recebido tratamento arquivístico.

Outro movimento, neste mesmo sentido, é em relação a um dos produtos mais notáveis de sua criação: o *Jornal do Nuances*, que conta com 49 edições até o momento e está digitalizado e disponível para pesquisa em <https://www.ufrgs.br/nphdigital/colecoes/>. Conforme Schmidt, este movimento pautado pelo nuances, regionalmente, faz parte de um cenário também nacional, no qual ativistas e militantes procuram quebrar o silêncio social e político sobre suas identidades e impedir o apagamento de seus vestígios pela narrativa histórica dominante. Para o autor, “trata-se de uma forma de reforçar vínculos, configurar uma ancestralidade (cultural e não biológica) e construir passados plurais que embasem projetos de futuro diversos, mais inclusivos e democráticos”⁵.

O curso de Museologia da UFRGS, criado no ano de 2008, iniciou sua aproximação com o coletivo nuances no ano de 2016, sendo a ex-

4 Célio Golin, *Nuances 25 anos: uma trajetória inconformada com a norma* (Porto Alegre: s.ed., 2017).

5 Benito Schmidt, “Prefácio: por uma história de todas, todos e todes”, em *Arquivo LGBT-QIAPN+: Levantando documentos para outras histórias: Catálogo seletivo de fontes documentais para a história LGBTQIAPN+ do Rio Grande do Sul (1942-1964)*, ed. Rodrigo de Azevedo Weimer (Porto Alegre: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, 2023), 9-24.

tensão universitária o caminho primeiro desta parceria. A extensão é o espaço de consolidação da função social da universidade, onde a possibilidade de estabelecer parcerias e apoio à sociedade civil se desenvolve de forma mais evidente. Em 2016, um convite do grupo, direcionado ao curso de Museologia, para participar de uma exposição no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, foi a primeira oportunidade para docentes e discentes abordarem, em uma atividade de exposição, a temática LGBTQ+, sentindo e experimentando o impacto social e político que ocorre quando se dá destaque a sujeitos e sujeitas historicamente invisibilizados ou sumariamente apagados⁶.

Depois de firmada uma potencial relação de longo prazo entre coletivo e universidade, a partir da citada experiência anterior, mais uma vez em um projeto de extensão – De Stonewall ao nuances: 50 anos de ação – a parceria produziu uma exposição. Essa, ocorrida em 2019, comemorou os 50 anos da Revolta de Stonewall e os 30 anos do nuances, procurando reforçar o papel essencial da militância na garantia dos direitos sociais e jurídicos da comunidade LGBTQ+ e como o grupo nuances ocupou uma posição politicamente estratégica na história regional⁷. Durante o ano de 2021, vivendo as restrições que marcaram a experiência da pandemia de Covid-19, um terceiro projeto de extensão foi realizado, recebendo o nome de Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre. Esse foi um projeto ousado, que ocupou ruas e muros da cidade, em quatro núcleos expositivos que comemoravam esta personagem ímpar da cena cultural local. Mais uma vez, essa atividade foi um projeto de extensão que congregou alunos que se interessaram pela temática ou pelo formato da atividade, sempre realizadas em debate horizontal e harmônico com o coletivo nuances⁸.

6 Marlise Giovanaz, “Uma reflexão sobre a participação do Curso de Museologia na exposição «Uma Cidade pelas Margens»”, em *Anais do 4.º Seminário Brasileiro de Museologia: Democracia: desafios para a universidade e para a museologia*, org. A. L. A. Gomes (Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2020), 432-442.

7 Marlise Giovanaz e Ana Carolina Gelmini de Faria, “Uma exposição em nuances”, em *Experimentações do patrimônio: diversidades e resistências*, org. Hilda Jaqueline de Fraga *et al.* (Porto Alegre RS: Editora Fi, 2021), 23-44.

8 Marlise Giovanaz e Ana Carolina Gelmini de Faria, “Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre”, *Museologia & Interdisciplinaridade* 11, n.º 21 (2022): 92-109.

Ou seja, pode-se sugerir que essas exposições fazem parte de um movimento mais amplo, assinalado pelo desejo de marcar a presença LGBT+ na memória da comunidade e compartilhar socialmente este trabalho político. Essas exposições buscaram um alinhamento com a proposta que aparece em Green⁹, que pressupõe dar visibilidade aos documentos, objetos e narrativas produzidos por membros das comunidades LGBT+, em um fazer político, abordando o conceito de comemoração enquanto um enfrentamento. A partir da experiência dessas três primeiras atividades de extensão, já realizadas e encerradas, entre Museologia da UFRGS e nuances, foram produzidos artigos científicos e apresentações em congressos por parte de docentes e discentes. Esses representaram uma forma de comunicar à comunidade acadêmica e a outros interessados as características da experiência desenvolvida. Foi compreendido, também, que não era mais o suficiente estabelecer parcerias temporárias, era preciso solidificar o trabalho estabelecendo uma rotina de longo prazo.

No ano 2023, foi então construído o projeto de extensão Memória nuances: salvaguarda de um acervo LGBT+ no RS, que envolve três docentes do curso de Museologia e do PPGMusPa/UFRGS, sendo elas Ana Carolina Gelmini de Faria, Ana Celina Figueira da Silva e Marlise Giovanaz. A partir deste projeto e com a participação de bolsistas e outros pesquisadores, pretende-se fazer um trabalho de higienização, organização e acondicionamento do acervo produzido e salvaguardado pelo grupo nuances em sua sede, resultado de mais de trinta anos de atuação política e de desenvolvimento de atividades culturais e sociais.

Outra iniciativa promovida por parte das docentes foi estabelecer a realização de disciplinas eletivas para desenvolver ações de pesquisa e de preservação no acervo do grupo. Uma dessas disciplinas, Tópicos Especiais em Documentação Museológica (2023/1), utilizou o acervo do grupo como laboratório de aprendizagem para os discentes e tinha como proposta oferecer uma estratégia de documentação para preservar

9 James Green *et al.*, eds., *História do movimento LGBT no Brasil* (São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2018).

suas coleções. Enquanto a outra, Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica (2023/2), propôs a higienização, acondicionamento e digitalização da coleção fotográfica Paradas Livres de Porto Alegre (1997-2003), que foi demandada pelo nuances como uma forma de proporcionar um acesso mais amplo ao seu acervo fotográfico.

Transformar a relação entre o nuances e o curso de Museologia de esporádica em contínua e duradoura, imbricando atividades de ensino, pesquisa e extensão, é uma forma de solidificar o trabalho da universidade com a sociedade civil organizada. Para a Museologia da UFRGS, significa trazer para o currículo geral de formação o debate sobre a história, as lutas e as memórias da comunidade LGBTQ+ e romper o nicho dos discentes interessados na temática.

Nestes poucos anos de experiência de trabalho com a museologia LGBTQ+, uma das certezas construídas foi a necessidade de realizar atividades de valorização da memória, da identidade e da resistência dessa comunidade, que tem sofrido com o preconceito, com o apagamento, com a violência e com toda sorte de deslegitimação social. Essa perseguição e preconceito se revelaram, posteriormente, na própria fragilidade dos acervos produzidos pelos grupos ou associações LGBTQ+, pois a destruição de seus registros documentais tem como consequência o silenciamento da comunidade e de suas estratégias de participação no campo político e cultural da comunidade. A preservação de suas narrativas e de seus acervos é um pequeno passo para garantir que suas vozes possam ser ouvidas e suas histórias e memórias legitimadas.

Quanto aos documentos preservados em arquivos permanentes, estes precisam ser abordados a partir de novos instrumentos de pesquisa e catálogos especializados, para que assim recebam o destaque e a potência para tornar-se fontes que permitam reescrever o passado. Um exemplo relevante de trabalho neste sentido é o *Catálogo seletivo de fontes documentais para a história LGBTQIAPN+ do Rio Grande do Sul* (2023), instrumento de pesquisa desenvolvido recentemente. Sabe-se que a preservação dos acervos relacionados especificamente aos movimentos sociais e políticos LGBTQ+, que existem no Brasil desde os anos 1970, ainda está em processo de constituição. Nesse cenário,

é importante frisar o papel desempenhado pelo centro de pesquisa e documentação social Arquivo Edgard Leuenroth, em Campinas/SP¹⁰. Fato é que a demora na preservação dos acervos oriundos dos movimentos sociais LGBTQ+ tem como consequência a perda de histórias e de testemunhos. A maior parte dos grupos organizados são transitórios, com sedes provisórias, corroborando para que a preservação e a conservação dessas coleções fossem sempre muito frágeis. Provavelmente, a diferença do grupo nuances em relação às outras associações existentes nesta região seja sua consciência do lugar histórico que ocupa, seu desejo de marcar a sua passagem. Portanto, temos também a compreensão de que estamos trabalhando pela preservação de uma pequena porcentagem deste conjunto múltiplo e complexo de evidências da trama da memória LGBTQ+ local.

3 – Um primeiro movimento: identificando os registros

A realização das exposições acima mencionadas permitiu o conhecimento dos diversos e numerosos registros provenientes da atuação do nuances em seus trinta anos de trajetória. Os professores e alunos do curso de Museologia logo identificaram a riqueza destes materiais e a necessidade de sua organização para melhor preservação e divulgação. Nesse intento, em 2023, procurou-se, para além da organização de exposições, iniciar um processo que pudesse sanar a necessidade apontada. A estratégia, em paralelo com a proposição de projetos de extensão, tem sido o oferecimento de disciplinas de caráter eletivo, como as disciplinas Tópicos Especiais em Documentação Museológica e Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica, ocorridas respectivamente no primeiro e segundo semestre letivo de 2023¹¹.

10 Green *et al.*, *História do movimento LGBTQ no Brasil*.

11 As disciplinas eletivas Tópicos Especiais em Documentação Museológica e Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica, respectivamente registradas sob os códigos BIB03223 e BIB03103, do curso de bacharelado em Museologia, do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS), possuem, cada uma, carga horária total de 60 horas de aula, sendo ministrados 4 créditos por semana. Tópicos Especiais em Documentação Museológica, que tem por súmula a abordagem de temas contemporâneos em documentação museológica, foi oferecida no primeiro semestre letivo de 2023, com aulas nas manhãs de quintas-feiras. Já a disciplina

A disciplina Tópicos Especiais em Documentação Museológica teve como objetivo identificar a tipologia e a quantidade dos registros guardados na sede do nuances, no centro da cidade de Porto Alegre. Essa identificação era fundamental para, posteriormente, colaborar nos processos de conservação, monitoramento dos documentos e curadorias de novas exposições. Assim, entre os meses de maio e setembro, os alunos organizaram o espaço, realocando o mobiliário para melhor acondicionamento dos materiais, e realizaram um arrolamento dos registros.

Conforme Padilha, o arrolamento é “o ato por meio do qual se realiza a contagem de todos os objetos que fazem parte do museu, sendo criada uma lista numerada para controle e identificação geral do acervo museológico. Refere-se a um primeiro reconhecimento detalhado”¹². O acervo, em sua sede, não possui nenhum tipo de tratamento museológico e arquivístico, sendo o procedimento básico da prática de documentação de acervos museológicos o que nos permitiu fazer um levantamento inicial dos registros.

Os campos da ficha de arrolamento permitiram registrar a tipologia do item, o suporte, o estado de conservação, a temática abordada, a localização e, quando necessárias, observações. Neste campo, foi indicado se o item era de produção do nuances ou externa, bem como se era relativo a alguma Parada Livre. Essas informações viriam a colaborar com o trabalho de elaboração de exposição itinerante que, tratando dessa temática, estava sendo realizado por alunos da disciplina Tópicos Especiais em Museologia Social. O preenchimento da ficha foi manual e, posteriormente, os dados foram transcritos em planilha Excel compartilhada com a turma (Figura 1):

Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica, com súmula prescrevendo estudos aplicados à pesquisa museológica, ocorreu no segundo semestre letivo de 2023, nas terças-feiras pela manhã.

12 Renata Cardozo Padilha, *Documentação museológica e gestão de acervo* (Florianópolis: FCC, 2014).

	A	B	C	D	E
1	Número	Item	Suporte	Conservação	Temática
296	294	Livro	Papel	Bom	Homossexualidade e Jung
297	295	Cartaz	Papel	Ótimo	Questão sexual e moralismo
298	296	Faixa	Tecido	Bom	Nome do grupo Nuances
299	297	Faixa	Tecido	Ótimo	Nuances- Rompa o Silêncio
300	298	Cartaz	Papel	Regular	Prevenção DSTS/AIDS
301	299	Cartaz	Papel	Regular	Prevenção DSTS/AIDS
302	300	Cartaz	Papel	Regular	Prevenção DSTS/AIDS
303	301	Cartaz	Papel	Regular	Prevenção DSTS/AIDS
304	302	Cartaz	Papel	Regular	Mostra disciplinar de cinema, vídeo, televisão e fotografia sob
305	303	Cartaz	Papel	Regular	Campanha de prevenção DSTS/AIDS
306	304	Cartaz	Papel	Regular	Campanha de prevenção DSTS/AIDS
307	305	Cartaz	Papel	Regular	Beijo de Jogadores
308	305	Livro	Papel	Regular	Relatório do grupo de trabalho de promoção da cidadania LGI
309	306	Livro	Papel	Bom	Diversidade Sexual
310	307	Livro	Papel	Bom	Segurança Pública e Polícia Civil em São Paulo (1983-1990)
311	308	Livro	Papel	Bom	Homossexualidade na História
312	309	Livro	Papel	Bom	Cidadania e direitos humanos: crianças e adolescentes, mulh
313	310	Livro	Papel	Regular	Direitos Humanos: violência urbana , orientação sexual
314	311	Camiseta	Tecido	Bom	Cine debate
315	312	DVD	Plástico	Bom	Não identificado- Black Maria
316	313	DVD	Plástico	Bom	Vídeo Documentário
317	314	DVD	Plástico	Bom	Coletânea de vídeos sobre diversidade sexual
318	315	Fita VHS	Plástico	Bom	Nuances
319	316	Fita VHS	Plástico	Péssimo	Não identificado

Figura 1 – Parte da tabela de arrolamento - planilha Excel

Fonte: Aguiar *et al.*, 2023, p. 14¹³

Até o final da disciplina, foram arrolados 1.367 itens. Todavia, este processo ainda não está completo, uma vez que alguns materiais, por questão de tempo, não foram incluídos na listagem, necessitando a retomada desse trabalho. Relativo à tipologia do item, numericamente, os materiais de divulgação (folhetins, folhetos, *folders* e panfletos) apresentaram maior quantidade, com 220 itens registrados, seguidos pelas mídias físicas (CD, DVD, K7, fitas VHS e disquetes), com 177 exemplares.

Cabe ressaltar que posterior ao arrolamento, para a realização do dossiê final da disciplina, as temáticas registradas na planilha, após debate entre alunos e professora, foram agrupadas. Destacaram-se, numericamente, a Hemeroteca LGBTQ+, composta por revistas eróticas nacionais e internacionais, pelo *Jornal do Nuances*, pelo *Jornal Lam-*

13 Maria Eduarda Bergmann Hentschke de Aguiar *et al.*, *Dossiê de arrolamento do Acervo Nuances* (Porto Alegre: Disciplina Tópicos Especiais em Documentação - BIB03223, 2023).

pião, por matérias de jornais, por revistas e por recortes de notícias relacionadas à questão LGBTQ+. Outro destaque foram os itens relacionados aos direitos humanos e cidadania LGBTQ+, que abarcam todos os materiais relacionados a ações, manifestações e campanhas de combate à homofobia e ao preconceito contra indivíduos e grupos LGBTQ+, na defesa dos direitos humanos. Os números podem ser conferidos na tabela 1:

Coleção Parada Livre	81	5,93%
Convites/Felicitações	26	1,90%
Cultura	80	5,85%
DH Diversos	81	5,93%
DH e Cidadania LGBTQ+	262	19,17%
Educação e Diversidade	108	7,90%
Eventos Diversos	37	2,71%
Eventos Nuances	32	2,34%
Hemeroteca LGBTQ+	276	20,19%
História e Memória	101	7,39%
Homossexualidade	15	1,10%
Premiações	12	0,88%
Prevenção DST/AIDS	96	7,02%
Roteiros LGBTQ+	23	1,68%
Sexualidade	15	1,10%
Tecnologia	3	0,22%
Temática não Idenificada	119	8,71%
Totais	1367	100,00%

Tabela 1 - Quantificação dos itens de cada grupo temático

Fonte: Aguiar *et al.*, 2023, p. 22¹⁴

Embora o acervo seja composto por objetos tridimensionais, como canecas, flâmulas, bandeiras, *bottons*, estátuas, *banners* e pôsteres, a maior parte é bidimensional em suporte papel, destacando-se, como antes mencionado, os materiais de divulgação. É uma variedade grande de materiais que permitem contar parte da história LGBT+ no estado do Rio Grande do Sul, nos últimos 30 anos, e que precisa ser tratado e organizado para facilitar o acesso. No processo de preservação, as tarefas de organização, disseminação e recuperação da informação

14 Aguiar *et al.*, *Dossiê de arrolamento do Acervo Nuances*.

são fundamentais. Considerando os documentos como registros da atividade humana, a documentação serve como instrumento de comunicação e de preservação da informação no âmbito da memória social e da pesquisa científica¹⁵.

Entretanto, embora pese a consciência da importância dos registros documentais do nuances, o arrolamento, mesmo que não totalizado, demonstra um volume considerável de itens a serem tratados. Para dar continuidade no processo, foi necessário fazer algumas escolhas e, nesse sentido, optou-se, por solicitação de membros do nuances, por iniciar a identificação, descrição e digitalização das fotografias das Paradas Livres organizadas pelo grupo entre 1997 e 2003. Hoje, esse evento faz parte da identidade porto-alegrense, mas tem sua historicidade fragilizada por decorrência da dispersão, de dissociações e de perdas documentais. Nota-se, portanto, que não são todos os itens da coleção Parada Livre, mas apenas as fotografias em suporte papel, pois os registros realizados digitalmente não foram localizados na sede do nuances e devem ser pesquisados posteriormente. Cabe ressaltar que no registro do arrolamento, onde constam 81 itens na Coleção Parada Livre, as fotografias não foram contabilizadas individualmente, registrando-se, assim, a quantidade de álbuns ou pacotes onde estavam acondicionadas. Em vista disso, a disciplina Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica, oferecida no segundo semestre letivo de 2023, tratou de organizar, em conjunto com integrantes do coletivo, as fotografias das Paradas Livres.

4 – Gestão compartilhada de um acervo fotográfico: girando o caleidoscópio da memória

A fotografia tem o poder de congelar o tempo, de manter vivo um evento, uma viagem, um aniversário, manifestações, festividades, entre tantos outros acontecimentos bons e ruins. Além disso, ela traz de volta ao presente uma memória que poderia há muitos anos estar engavetada

15 Sílvia Nathaly Yassuda, “Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista” (dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, 2009).

e, ao ver a fotografia, todas as lembranças sobre o que está retratado naquele pedaço de papel vêm à tona. “O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”¹⁶. A mesma coisa nunca acontece duas vezes do mesmo jeito, porém é possível relembrar e evocar as memórias sobre tal acontecimento por meio das fotografias.

O acervo fotográfico do coletivo nuances é composto por cerca de 3.000 fotografias reveladas, tiradas principalmente durante os anos 1990 e 2000. Os registros fotográficos contemplam diversos acontecimentos que ocorreram durante esse período, como as manifestações políticas em prol dos direitos LGBT+, os eventos culturais, as festividades, os primeiros anos da Parada Livre de Porto Alegre, entre outros. Objetivando a continuação da musealização do acervo do coletivo, iniciado com a disciplina Tópicos Especiais em Documentação Museológica, a disciplina Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica propôs a musealização da coleção fotográfica da Parada Livre de Porto Alegre.

Para entendermos todo o processo realizado para musealizar a coleção, primeiro é necessário entendermos o que é a musealização de um objeto. Em termos gerais, trata-se de um conjunto de etapas, sendo elas: seleção, thesaurização e comunicação¹⁷, que caracterizam a trajetória do objeto antes e depois de inserido na instituição. Segundo o museólogo brasileiro Bruno Brulon, “musealizar é mudar algo de lugar; às vezes no sentido físico, mas sempre no sentido simbólico”¹⁸. Isso significa que, quando musealizados, os objetos passam a ter e a transmitir um novo sentido que lhes foi atribuído. A coleção fotográfica da Parada Livre de Porto Alegre, durante o processo de musealização, deixou de ser apenas antigas recordações do coletivo e passou a ser um patrimônio social, que testemunha e simboliza a luta diária das pessoas LGBT+ da sociedade porto-alegrense por meio da manifestação, da festa e da alegria características do evento.

16 Roland Barthes, *A câmara clara: notas sobre a fotografia*, tradução de Júlio Guimarães, 9.^a ed. (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984).

17 Bruno Brulon, “Passagens da Museologia: a musealização como caminho”, *Museologia e Patrimônio* 11, n.º 2 (2018): 189-210.

18 Brulon, “Passagens da Museologia”.

O coletivo nuances possui cerca de 500 fotografias reveladas da Parada Livre de Porto Alegre, evento do qual o coletivo foi o grande idealizador e produtor durante as primeiras edições. Em vista disso, o primeiro passo para a musealização da coleção foi separar as fotografias pelas edições, ou seja, por ano. Assim, foi possível identificar os materiais (envelopes de papel e caixas arquivo de polionda) e a quantidade necessária deles para o armazenamento das fotografias. Objetivando a catalogação do acervo de forma que um futuro pesquisador e os próprios membros do coletivo consigam contemplar por completo todos os itens, foi desenvolvida uma planilha para cada edição do evento, com dados de identificação condizentes com a tipologia da coleção (quadro 1 e figura 2).

Quadro 1 – Informações de identificação e como preenchê-los

Dados	Como preenchê-los
Código	PL + últimos dois dígitos do ano da edição + 001 seguindo ordem numérica
Coleção	Parada Livre
Denominação	Fotografia
Suporte	Papel fotográfico + marca
Dimensões	Largura em X comprimento cm.
Outros números	Código encontrado no verso da fotografia
Autoria	Pessoa que tirou a fotografia
Data	Data que ocorreu a Parada Livre
Local	Local em que ocorreu a Parada Livre
Material/técnica	Máquina fotográfica que utiliza processos químicos para capturar a imagem, como em papel, filme.
Estado de conservação	Ótimo, bom, regular ou péssimo
Descrição	Descrição intrínseca
Histórico	Descrição extrínseca
<i>Tags</i>	Palavras-chaves
Observação	Marcas de fita adesiva, descrições manuscritas, sujidades...

Fonte: das autoras, 2024

	A	B	C	D	E	F	G	H
1		1ª Parada Livre - Em 1997, éramos um grupo de aproximadamente 100 pessoas que saímos para o Bric da Redenção num dia de muito frio e l						
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								

	Código	Coleção	Denominação	Suporte	Dimensões	Outros Números
	PL97-001	Parada Livre	Fotografia	Papel Fotográfico Kodak Paper	10cmX15cm	SULCOL 048 NNNN 25. 3A
	PL97-002	Parada Livre	Fotografia	Papel Fotográfico Kodak Paper	10cmX15cm	SULCOL 048 NNNN 9.19A
	PL97-003	Parada Livre	Fotografia	Papel Fotográfico Fujifilm	10cmX15cm	<N°.16> 10 A NA1NN 681 110-015
	PL97-004	Parada Livre	Fotografia	Papel Fotográfico Fujifilm	10cmX15cm	<N°.2> 10 N NA1NN 681 110-006
	PL97-005	Parada Livre	Fotografia	Papel Fotográfico Fujifilm	10cmX15cm	<N°.19> 10 N HA1NN 681 110-002
	PL97-006	Parada Livre	Fotografia	Papel Fotográfico Kodak Paper	10cmX15cm	SULCOL 048 NNNN 27. 1A
	PL97-007	Parada Livre	Fotografia	Papel Fotográfico Kodak Paper	10cmX15cm	SULCOL 048 NNNN 10.18A
	PL97-008	Parada Livre	Fotografia	Papel Fotográfico Kodak Paper	10cmX15cm	SULCOL 048 NNNN 11.17A
	PL97-009	Parada Livre	Fotografia	Papel Fotográfico Fujifilm	10cmX15cm	<N°.36A> 10 N NA1NN 681 110-001

Figura 2 – Parte da planilha da primeira edição da Parada Livre de Porto Alegre

Fonte: das autoras, 2024

Os dados de identificação foram pensados visando uma documentação mais completa possível, em que fosse descomplicado encontrar a fotografia desejada, sem muito esforço e confusão. Após a identificação da fotografia na planilha, é possível dirigir-se à caixa arquivo de polionda referente à edição da Parada Livre desejada e procurar o código da fotografia no bloco do respectivo ano. Esse mecanismo de documentação e organização torna todo o processo de pesquisa no acervo mais simples e de fácil acesso, não só para pesquisadores externos, mas também para pesquisadores internos e para o coletivo em geral. É importante reforçar que as fotografias da coleção aqui abordada não possuem autoria registrada, sendo atribuídas ao coletivo.

Até o final do semestre, foram tratadas as imagens das Paradas Livres de 1997 a 2000, totalizando 256 fotografias. Portanto, o processo precisa continuar, pois faltam registrar as imagens reveladas, que têm como limite temporal o ano de 2003 – há vestígios de outras edições, mas com fotografias muito pontuais e escassas, possivelmente obtidas

por algum representante do coletivo. Como era esperado, a descrição das imagens e o histórico foram os campos que demandaram maior tempo e dedicação em seu preenchimento. O histórico envolve, além da identificação do local, a indicação das pessoas registradas nas imagens. Nesse aspecto, cabe ressaltar que, desde o início das atividades, o contato com representantes do nuances foi frequente, gerando uma profícua integração entre alunos, professores e o coletivo, culminando na realização de uma roda de memória com os membros fundadores do nuances e os atuais, para nomear lugares e pessoas, momento importante do processo de gestão compartilhada.

Esse momento de troca de vivências a partir da coleção fotográfica ocorreu no Laboratório de Cultura Material e Conservação (CMC) do curso de Museologia da UFRGS, local onde se encontrava o acervo fotográfico em processo de tratamento curatorial. O objetivo da roda de memória era obter informações extrínsecas sobre as fotografias da Parada Livre de Porto Alegre, a partir dos indícios materiais, incentivando que as pessoas evoquem suas memórias em torno do evento em ênfase, bem como reflitam sobre suas trajetórias de vida a partir do tema gerador. Participaram desse momento quatro integrantes do coletivo, sendo três deles fundadores do nuances – Célio Golin, Perseu Pereira, Liane Susan Muller e Helena Martins –, e participantes da disciplina Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica (figura 3). Foi uma longa conversa descontraída, de 2 horas e 16 minutos gravados, transversalizada por assuntos basilares para o exercício proposto: política, cidade, representação, história do movimento LGBTQ+, gerações e militância, entre outros.



Figura 3 – Roda de memória com representantes do coletivo nuances

Fonte: das autoras, 2024.

Cabe ressaltar a importância da conversa no processo de gestão compartilhada do acervo do nuances. Muitas das evidências localizadas eram distantes memórias para integrantes do coletivo, que por vezes nem recordavam da permanência física do registro. A conversa foi entendida como uma instância de formação, partilha e opinião. Momento de balanço, reencontro e ressignificação. Estávamos reunidos com sujeitos que apareceriam nas fotografias e isso tornou o momento muito

singular: ora havia reflexões de ordem pessoal, de uma interpretação íntima; ora havia uma percepção coletiva, uma catarse do papel social do nuances. Nesse processo de bricolagem, memórias foram evocadas e sociabilizadas:

Nas rodas de conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e de fala, em que se agregam vários interlocutores, e os momentos de escuta são mais numerosos do que os de fala. As colocações de cada participante são construídas por meio da interação com o outro, seja para complementar, discordar, seja para concordar com a fala imediatamente anterior. Conversar, nessa acepção, significa compreender com mais profundidade, refletir mais e ponderar, no sentido de compartilhar¹⁹.

As fotografias foram espalhadas na mesa onde a roda estava ocorrendo e, a partir das informações intrínsecas, a conversa foi iniciada. O diálogo se concentrou em como foram separadas as edições – por anotações manuscritas no verso, fotografias que tinham a imagem do cartaz da edição, adereços recorrentes, até mesmo recorrência de detalhes da paisagem, como as árvores que compõem o parque. Perseu Pereira, ao olhar as fotos distribuídas na mesa, enfatizou como a cada edição foi se aprimorando a organização do evento: “Durante muitos anos foi os nuances que organizou, então tem toda a questão da logística também, a gente mesmo que chegava lá, chegava cedo para encher balão...”²⁰. Ao evidenciarmos as imagens de pessoas enchendo balões, questionamos o local fechado, informando não o reconhecer. Alguém pergunta: “É uma escola?” Então, Célio Golin comenta: “Não... é interessante ver a relação que nós tínhamos com a Prefeitura na época, que além da

19 Adriana Ferro Moura e Maria Glória Lima, “A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível”, *Revista Temas em Educação* 23, n.º 1 (2014): 95-103.

20 Perseu Pereira, *Roda de memória nuances*. Entrevista concedida à disciplina Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica – Museologia/UFRGS. Porto Alegre, 2024, 2h16min, mp4.

infraestrutura cedia outros espaços, era a administração do Parque Farroupilha, passávamos a tarde lá, até os funcionários ajudavam [a encher o balão]²¹ (figura 4).



Figura 4 – Preparação para edição da Parada Livre

Fonte: nuances, 1998, PL98-073.

O reencontro com as fotos da primeira edição da Parada Livre acabou chamando a atenção dos integrantes do nuances. Liane Muller²² menciona que, pela sua memória, eram cerca de 60 pessoas participando da caminhada, embora os jornais tenham noticiado cerca de 100 a 200 pessoas; Célio Golin reforça a média de 100 pessoas. Percebe-se o impacto do evento ao longo das décadas quando nos deparamos com a contagem de 30.000 pessoas na 26.^a edição da Parada Livre, a última

21 Célio Golin, *Roda de memória nuances*. Entrevista concedida à disciplina Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica – Museologia/UFRGS. Porto Alegre, 2024, 2h16min, mp4.

22 Liane Susan Muller, *Roda de memória nuances*. Entrevista concedida à disciplina Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica – Museologia/UFRGS. Porto Alegre, 2024a, 2h16min, mp4.

ocorrida, em 2023. Liane Muller recorda: “Eu acho que uma foto icônica dessa Parada [a primeira edição] é a que tem meninas com o rosto encapuzado”²³, imagem que promoveu um debate sobre visibilidade e militância LGBTQ+ na década de 1990 (figura 5). Perseu Pereira também ressalta: “Uma coisa que se perdeu foi [a participação] dos punks também”²⁴, registros que fomentaram diálogos sobre diferentes articulações do nuances com demais coletivos/grupos sociais pela crítica da normalidade. Célio Golin atribuiu a rede de contatos à banca que montavam no Parque Farroupilha:

Era comum no domingo nós irmos no Brique [Parque da Redenção], perto ali do Monumento ao Expedicionário, e colocar uma banquinha, e ficávamos conversando com as pessoas, com uma bandeira ali embaixo com material que produzimos, não tinha ainda o jornal, e as pessoas chegavam, chamava muito a atenção, [...] ali fazíamos muito contato, era tudo ainda via correio [...] hoje não montamos mais a banca²⁵. [figura 6]



Figura 5 – Pessoas encapuzadas em caminhada na primeira Parada Livre

Fonte: nuances, 1997, PL97-018.

23 Muller, *Roda de memória nuances*.

24 Pereira, *Roda de memória nuances*.

25 Golin, *Roda de memória nuances*.

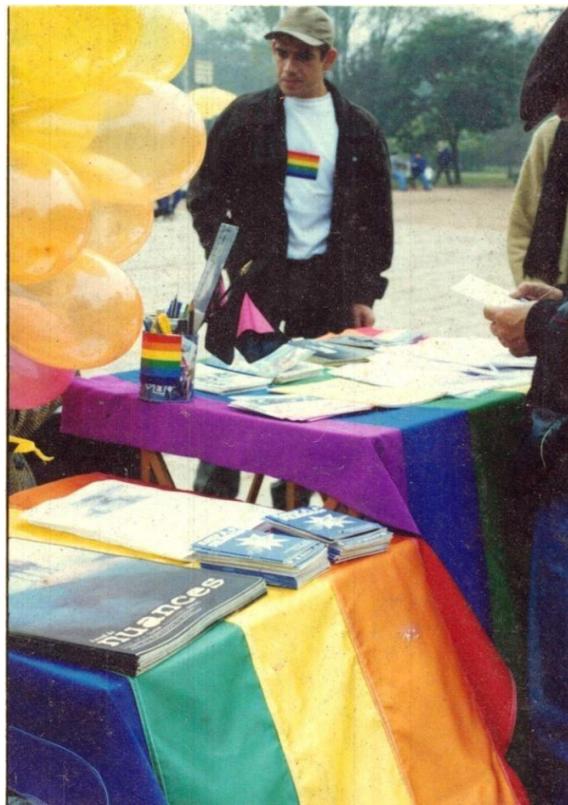


Figura 6 – Banca do nuances

Fonte: nuances, 1998, PL98-085

A memória é sempre formulada no tempo presente²⁶. E a condução da roda de memória foi se aproximando dos debates contemporâneos, a partir das evidências visuais da década de 1990 e dos anos 2000 (figura 7). Temas como o debate da diversidade nas escolas e as posições ideológico-partidárias sobre diversidade sexual e direitos humanos ganharam fôlego a partir das fotografias. Célio Golin adverte:

Há quinze anos atrás entrávamos nas escolas de Porto Alegre e conversávamos sobre um mundo de coisas, fui em escolas confessionais dar palestras, [...] indo pelo nuances, universidades nem se fala... e agora os professores não po-

²⁶ Ulpiano Bezerra de Meneses, “A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 34 (1992): 9-24.

dem falar e nós jamais vamos entrar em uma escola dessa [...] eles [extrema-direita] ganharam um monte de espaço exatamente onde deveríamos ter avançado, que é na educação²⁷.



Figura 7 – Roda de memória integrantes do nuances conversando a partir dos registros fotográficos

Fonte: das autoras, 2024.

Com base no diálogo sobre as ondas conservadoras, os integrantes do nuances refletiram sobre as negociações que ocorreram ao longo das edições da Parada Livre, estimuladas por discussões externas e internas à comunidade LGBTQ+, processos que afastaram inclusive outros grupos do evento, como os Gogo Boys, que foram retirados dos carros

²⁷ Golin, *Roda de memória nuances*.

de som. “Foi feito um debate, e uma parte do movimento que faz uma discussão que aquilo é uma reprodução dos valores da masculinidade, defendeu que a Parada estaria produzindo também essa opressão [...] e foram retirados. É um processo político que vem acontecendo”²⁸. Interessante observar que se por um lado ocorreram apagamentos, por outro ocorreram visibilidades que mudaram vidas de pessoas que, a partir da Parada Livre, lançaram suas carreiras artísticas:

Vamos tirar as *drag queen* do gueto e vamos levar para o palco. Deu supercerto, [elas] misturando as duas coisas, a questão política e trazendo a festa. Elas ficaram superconhecidas, participaram de festas de crianças, convite disso, convite daquilo [risos], abriu toda uma outra dinâmica... foi algo que pensámos, uma estratégia, e deu supercerto²⁹. [figura 8]



Figura 8 – Apresentadora da Parada Livre

Fonte: nuances, 1998, PL98-008.

28 Golin, *Roda de memória nuances*.

29 Golin, *Roda de memória nuances*.

O debate geracional marcou a roda de conversa porque, se os Gogo Boys foram retirados dos carros de som por debates de representatividade, hoje as apresentadoras *drag queen* do gueto também não ocupam mais esse espaço, por terem uma linguagem não mais considerada apropriada para o movimento, decisão que divide opiniões. É importante salientar que, desde 2009, a Parada Livre é gerida por diferentes coletivos de diversidade sexual e as negociações se dão nessa instância plural.

Nessa perspectiva, os integrantes do nuances, vendo fotos de 27 anos atrás – e estando em parte delas –, trouxeram à tona o debate do envelhecimento. Na contramão de um imaginário de vida trágica e de arrependimentos, sob risadas ocorreram reflexões sobre si e o próprio coletivo.

Vai variar de pessoa para pessoa, não precisa ser gay, lésbica ou qualquer coisa. As pessoas na medida que elas vão envelhecendo vão tendo percepção de tempo diferentes, algumas vão continuar fazendo as mesmas coisas que faziam com 20 anos, com algumas limitações de corpo, outras vão entrar em depressão profunda, e vão se sentir sozinhas, especialmente se não tiverem aquela família nuclear... gays e lésbicas passam pelo mesmo processo... [...] não é a orientação sexual que define isso, é o tempo, de te encontrar com ele³⁰.

Quando se refere ao nuances e sua trajetória, Liane Muller faz um balanço forte: “Eu tenho uma certa tranquilidade em relação a isso [envelhecimento do nuances] porque particularmente me sinto diluída em tudo o que veio depois”³¹. Todos os integrantes do nuances sinalizam a necessidade de novos integrantes, cogitando-se, inclusive, uma ruptura radical entre gerações. “Se eu pudesse desejar alguma coisa eu desejaria que pelos menos essas pessoas novas, que fazem as coisas à sua maneira – o que é justo –, pelo menos tenham respeito por aquilo

30 Muller, *Roda de memória nuances*.

31 Muller, *Roda de memória nuances*.

que ficou lá atrás, e que construiu, pavimentou o caminho para estarem onde estão hoje”³².

Respondendo sua parceira de militância, Célio Golin foi assertivo ao evidenciar a gestão compartilhada desse acervo como estratégia de memória: “A parceria com a universidade nesse caso é a forma de garantir essa história. [...] estar garantindo essa história é fundamental”³³. Liane Muller soma:

Esse trabalho [a musealização do acervo do coletivo] é o trabalho da vida do nuances. É o que vai garantir nossa escrita na história do movimento LGBT aqui especialmente em Porto Alegre, mas no Rio Grande do Sul em geral. [...] eu não temo o fim do nuances, um dia o grupo vai acabar [...] ter esse trabalho [museológico] na retaguarda é a garantia de que não passamos em vão na história, não temo esse momento final, especialmente porque hoje a gente sabe que está tudo bem registrado³⁴.

Célio Golin finaliza a roda de memória avaliando que já deu o tempo de termos no Rio Grande do Sul um memorial sobre a história do movimento LGBT+, uma ocupação física e política, de interesse público. O grupo encerrou a longa troca chegando a um denominador comum: estávamos diante de um patrimônio cultural de interesse coletivo, fontes de informação que desconstróem narrativas hegemônicas heteronormativas que buscam deixar a história LGBT+ subordinada ou esquecida.

4 – Considerações finais

Como sabemos, a memória não é espontânea, ela precisa ser provocada. O processo de musealização das fotografias das Paradas Livres é, nesse

32 Muller, *Roda de memória nuances*.

33 Golin, *Roda de memória nuances*.

34 Muller, *Roda de memória nuances*.

sentido, a evocação dessa memória desejada. As imagens fotográficas – agora organizadas, identificadas e registradas – tornam-se fontes de informação e elementos disparadores na construção de uma memória do movimento de luta pelo direito à livre expressão sexual, que foi protagonizado no Rio Grande do Sul pelo grupo nuances.

A preservação desses registros tem sido realizada pelo processo de musealização, que envolve procedimentos de documentação, conservação, pesquisa e comunicação. Nesse objetivo, foram propostas as disciplinas eletivas do curso de bacharelado em Museologia da UFRGS em 2023 – Tópicos Especiais em Documentação Museológica e Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica – que favoreceram a realização das etapas da musealização, aqui entendidas como método de apropriação objetiva (científica) e subjetiva (poética) da cultura material em destaque. Paralelo às disciplinas, pretende-se, com o projeto de extensão Memória nuances: salvaguarda de um acervo LGBTQ+ no RS, dar continuidade ao trabalho de preservação e gestão compartilhada, em parceria com os membros do nuances, dos registros que possibilitam contar a história LGBTQ+, principalmente no Sul do país. Almeja-se, ainda, contemplando a etapa de comunicação, futuras exposições com curadoria compartilhada, tendo o acervo como fonte primária, legitimando essa coleção enquanto patrimônio cultural LGBTQ+.

Destaca-se que, na identificação dos eventos e sujeitos registrados nas fotografias das Paradas Livres de 1997 a 2003, utilizou-se a metodologia da história oral, através da realização de uma roda de memórias com quatro integrantes do nuances, protagonistas desta primeira fase (anos 1990) do movimento. Esse foi um momento especial da pesquisa, seja pelo encontro das pessoas, seja pelas informações proporcionadas, mas principalmente pelas memórias evocadas a partir das fotografias preservadas. A sensação do grupo é de que o tão sonhado desejo de memória é possível de ser concretizado, e alguns retornos já podem ser percebidos.

Dias depois da roda de memória, tivemos uma surpresa. Liane Muller postou em suas redes sociais (figura 9):



Figura 9 – Postagem sobre fotografia localizada
Fonte: Muller, 2024b, facebook.

O gesto, expresso em uma postagem, exemplifica o esforço de todos os envolvidos na musealização desse acervo: localizá-los no tempo presente [(re)coleta], compreender seus múltiplos sentidos e arranjos com demais evidências [thesaurização] e, especialmente, atribuir valor na condição de patrimônio [comunicação], visibilizando quem construiu a história que a imagem evoca e partilhando-as como testemunhos. Percebe-se, nos giros feitos nesse caleidoscópio, que a memória estava presente, para os integrantes do nuances, nos detalhes das fotografias: os balões, a banca, as faixas... objetos que para os desconhecedores estão na ordem do artigo indefinido, mas que, para os retratados, são expressões do esforço de protagonizar a sua própria história e a de seu coletivo. Esse processo de gestão compartilhada, parceria que não se esgota na etapa apresentada, se justifica quando lemos as palavras de Muller: “Coisa magnífica poder rever a história sendo feita”³⁵.

Portanto, cabe ressaltar que, embora os processos de organização dos registros da história e da memória do coletivo nuances não tenham sido concluídos, restando muito a ser realizado, consideramos que esses primeiros passos dados foram importantes. Foi um primeiro gesto no longo processo de preservação dos registros, agora percebidos como patrimônio cultural. Também foi uma rica experiência de aprendizado aos discentes, que participaram ativamente do processo de pesquisa e organização técnica que as atividades demandaram, além de terem a oportunidade de conhecer a história e perceber a importância do grupo nuances, através do contato e da troca democrática com seus integrantes.

35 Muller, Liane Susan. *Eu procurei essa foto desde sempre...* Porto Alegre, 6 de fevereiro de 2024, Facebook, 2024b.

BIBLIOGRAFIA

Aguiar, Maria Eduarda Bergmann Hentschke de, *et al.* “Dossiê de arrolamento do Acervo nuances”. Porto Alegre: Disciplina Tópicos Especiais em Documentação - BIB03223, 2023.

Barthes, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Guimarães. 9.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Brulon, Bruno. “Passagens da Museologia: a musealização como caminho”. *Museologia e Patrimônio* 11, n.º 2 (2018): 189-210.

Desvallées, André, e François Mairesse. *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus e Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

Giovanaz, Marlise. “Uma reflexão sobre a participação do Curso de Museologia na exposição «Uma Cidade pelas Margens»”. In *Anais do 4º Seminário Brasileiro de Museologia: Democracia: desafios para a universidade e para a museologia*, organizado por A. L. A. Gomes, 432-442. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2020.

Giovanaz, Marlise, e Ana Carolina Gelmini de Faria. “Uma exposição em nuances”. In *Experimentações do patrimônio: diversidades e resistências*, organizado por Hilda Jaqueline de Fraga *et al.*, 23-44. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

Giovanaz, Marlise, e Ana Carolina Gelmini de Faria. “Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre”. *Museologia & Interdisciplinaridade* 11, n.º 21 (2022): 92-109.

Golin, Célio. *Nuances 25 anos: uma trajetória inconformada com a norma*. Porto Alegre: s.ed., 2017.

Golin, Célio. *Roda de memória nuances*. Entrevista concedida à Disciplina Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica – Museologia/UFRGS. Porto Alegre, 2024, 2h16min, mp4.

Green, James, Renan Quinalha, Márcio Caetano, e Marisa Fernandes, eds. *História do movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2018.

Mauad, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história, interfaces”. *Tempo* 1, n.º 2 (1996): 73-98.

Mauad, Ana Maria. “Dos arquivos às exposições: fotografia pública e história em *Confitos* (2017)”. In *Imagens & arquivos: fotografias e filmes*, organizado por Teresa M. Flores, Sílvio M. S. Corrêa e Soraya Vasconcelos, 46-72. Lisboa: ICNOVA, 2021.

Meneses, Ulpiano Bezerra de. “A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 34 (1992): 9-24.

Moura, Adriana Ferro, e Maria Glória Lima. “A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível”. *Revista Temas em Educação* 23, n.º 1 (2014): 95-103.

Muller, Liane Susan. *Roda de memória nuances*. Entrevista concedida à Disciplina Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica – Museologia/UFRGS. Porto Alegre, 2024a, 2h16min, mp4.

Muller, Liane Susan. *Eu procurei essa foto desde sempre...* Porto Alegre, 6 de fevereiro de 2024, Facebook, 2024b.

Padilha, Renata Cardozo. *Documentação museológica e gestão de acervo*. Florianópolis: FCC, 2014.

Pereira, Perseu. *Roda de memória nuances*. Entrevista concedida à Disciplina Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica – Museologia/UFRGS. Porto Alegre, 2024, 2h16min, mp4.

Schmidt, Benito. “Prefácio: por uma história de todas, todos e todes”. In *Arquivo LGBTQIAPN+: Levantando documentos para outras histórias: Catálogo seletivo de fontes documentais para a história LGBTQIAPN+ do Rio Grande do Sul (1942-1964)*, editado por Rodrigo de Azevedo Weimer, 9-24. Porto Alegre: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, 2023.

Yassuda, Sílvia Nathaly. “Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista”. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, 2009.

Referência para citação:

Faria, Ana Carolina Gelmini de, Ana Celina Figueira da Silva, Maria Eduarda Bergmann Hentschke de Aguiar, e Marlise Maria Giovanaz. “A musealização de um acervo fotográfico da Parada Livre: reflexões sobre gestão compartilhada do patrimônio”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 19 (2024): 217-248. <https://doi.org/10.48487/pdh.2024.n19.35919>.